

# Cauteloso, Sarney procura se manter longe de doenças

**Brasília** — Nos seus 55 anos, 70 quilos, caminhando 2 mil metros por dia e cavalgando um manga-larga nos fins de semana, o maranhense José Sarney assumiu a Presidência da República como um modelo de cinquentão saudável, capaz de provocar previsões de longevidade nos seus médicos. Mas isso não o impede de ser extremamente preocupado com a saúde, inquietando-se com o recomeço de uma saúde, inquietando-se com o recomeço de uma saúde, inquietando-se com o recomeço de uma saúde para um **check-up** no Instituto do Coração em São Paulo.

Apesar de circular entre os amigos a versão de que é hipocondríaco, o Presidente da República prefere dizer que é um homem cauteloso, como devem ser todos os que têm a sua idade. O cardiologista José Murad, 64 anos, que o atendeu em São Luís (MA), em fevereiro de 1982, quando ele sofreu uma arritmia, atesta isso: "Eu não precisei prescrever nenhuma dieta para o Dr Sarney, porque ele come aquilo que eu como. Ele se alimenta de tudo, mas não come gorduras em excesso".

De fato, José Sarney evita gordura e quando vai cortar uma picanha separa criteriosamente a parte gorda, com receio de aumentar sua taxa de colesterol. Isso não o impede, entretanto, de entregar-se com prazer a ceias de bagrinho, sarapatel e mocotó, pratos típicos e bastante pesados da cozinha maranhense. Para contrabalançar esse excesso, o Presidente come com frequência melancia, convencido de que essa fruta desintoxica e hidrata o organismo.

## Remédios e vitaminas

No seu café da manhã é vista sempre uma bandejinha de prata com vitaminas A, C e E, compradas nos Estados Unidos, que constituem também a mania da maioria dos deputados e senadores com mais de 40 anos. Apesar de temer o uso excessivo de tranquilizantes, o Presidente toma um comprimido de **diazepam** (antidistônico) toda noite e, assim mesmo, só consegue dormir cinco horas por noite.

Durante os 38 dias de agonia do Presidente Tancredo Neves, ele só conseguiu dormir depois de ingerir **valim-5**, tranquilizante de que se valeu também em junho do ano passado, quando renunciou à presidência do PDS. Aliás, naquele período a pressão arterial do Presidente foi medida com muita frequência, não por estar em níveis preocupantes, mas se a pressão está em 14 por 9, Sarney já fica preocupado, confidencia um amigo.

Foi bastante preocupado (o Presidente tem medo de morrer) que Sarney chegou em fevereiro de 1982, na Santa Casa de Misericórdia de São Luís, queixando-se de uma perturbação no ritmo cardíaco. Foi então submetido a uma bateria de exames, como hemograma e dosagem de creatinina e uréia. Passou três dias sob vigilância médica e teve alta com a reco-

mendação de tomar tranquilizantes à base de relaxantes como **dienpax**.

O provedor da Santa Casa, José Murad, atesta que aquele não foi um acidente cardíaco grave: "O Dr Sarney está livre de precariedade de uma ponte de safena". Ele toma esse tranquilizante porque só um homem muito frio abre mão de tranquilizantes no mundo de hoje".

Esse é também o prognóstico do médico José de Ribamar Serrão, para quem o único problema de Sarney é estar carregado de tensões resultantes do seu cargo. Amigo da família Sarney há 30 anos e cogitado agora para comandar o serviço médico do Palácio do Planalto, o Dr Serrão diz que qualquer homem na idade do Presidente tem de fazer dieta e exercícios.

## Hipertenso moderado

Conhecido disso, ao deixar a Santa Casa de Misericórdia, Sarney foi por conta própria para o Instituto do Coração em São Paulo, onde se certificou de que é apenas um hipertenso moderado. Daí surgiu o seu hábito de tomar aspirina para evitar a coagulação do sangue e, conseqüentemente, os perigos de trombose. Ainda dentro dessa cautela, em janeiro deste ano ele abandonou o prazer de tomar bebidas alcoólicas.

Sua pressão normal é de 13 por 9, mas isso varia conforme os acontecimentos nacionais. No dia que o General Newton Cruz cercou o Congresso Nacional, em 25 de abril do ano passado, quando foi votada a emenda das diretas-já, sua pressão foi a 16 por 12, limites atingidos também durante o período em que Tancredo Neves passou hospitalizado. Sempre que é visitado por um médico — José Serrão e Renault Mattos são os mais freqüentes em sua casa — Sarney aproveita para mediar a pressão.

Ele teve esse cuidado no dia 14 de março, quando, encerrado seu discurso de despedida do Senado, soube que a saúde de Tancredo não estava bem. No Senado, a ida de Renault Mattos a seu gabinete foi atribuída a uma crise de hipertensão motivada pela emoção do discurso. Todos sabem que Sarney é hipertenso, mas a maioria desconhece que ele sofre também de labirintite, embora há muito tempo não tenha essas crises, que combate se auto-medicando com **Monotran**.

Ao contrário do ex-Presidente Figueiredo, um entusiasta de cavalos, Sarney só monta nos fins de semana e seu preferido é um manga-larga, presenteado pelo irmão Ronald (presidente do Tribunal de Contas dos Municípios). Quando morava no Edifício dos Senadores, na Superquadra Sul 309, Sarney costumava caminhar 2 mil metros nas imediações, correndo nos últimos 50 metros. Agora, pretende retomar esse hábito, no gramado do Palácio da Alvorada.

# Supersticioso, corre do azar

**Brasília** — A decisão, tomada terça-feira da semana passada, pelo Presidente José Sarney, de apenas subir a rampa do Palácio do Planalto, deixando o prédio, ao fim do dia, pelo elevador privativo, não surpreendeu ninguém no Governo, mas deixou preocupados muitos maranhenses. Afinal, o José — como o chama sua mulher Dona Marly — por superstição jamais sai de um lugar por uma porta diferente da que entrou.

A explicação para isso é simples, conta o Deputado João Alberto (PFL-MA), seu amigo há mais de 20 anos: quando uma pessoa entra na porta de uma casa, seu anjo da guarda não o acompanha, fica do lado de fora, esperando. Ao sair, portanto, deve-se ter o cuidado de utilizar a mesma porta, a fim de reencontrar o anjo. Se não o fizer, o anjo vai demorar a achar o protegido, deixando-o desguarnecido.

João Alberto aprendeu isso em 1969, quando foi buscar Sarney em casa, para uma viagem pelo interior, na campanha para as eleições gerais. Na hora que chegaram na porta da rua, Sarney recuou: "Por aqui não, João. Ontem, eu entrei em casa pela porta da cozinha. Vamos sair por lá", alertou. Foi por isso que a decisão de apenas subir a rampa do Palácio a partir de agora surpreendeu os que o conheciam: "E como é que fica o anjo do Dr Sarney agora?", indagava uma funcionária que ele deixou no Senado.

## Azar eleitoral

Como a maioria dos políticos, o Presidente é supersticioso e não esconde isso. Corre do azar como faziam Petrônio Portella e Tancredo Neves. Sarney deu demonstrações disso quando assumiu a presidência da Arena, em 1979. Na sede do Partido havia um quadro com uma paisagem amazônica que ornamentava a sala ocupada por Filinto Müller, quando este morreu num desastre aéreo em 1972.

Ao assumir a presidência do Partido, em 1973, Petrônio determinou a imediata remoção da obra, dizendo que ela dava azar. Francelino Pereira o sucedeu, reabilitou o quadro e em seguida veio a derrota da Arena nas eleições de 1978. Quando Sarney assumiu a presidência do Partido, no ano seguinte, não hesitou: mandou dar sumiço no quadro.

Em 1975, quando se encontrava em Sri-Lanka (antigo Ceilão), na Ásia, para uma conferência interparlamentar, o então Senador Tancredo Neves comprou um pequeno

elefante de jade, com uma safira e um rubi na testa, por elevado preço. Ao mostrar o **souvenir** para o colega Danton Jobim, este o alertou para o fato de que, como o animal tinha a tromba virada para baixo, lhe traria azar. Imediatamente Tancredo entregou a valiosa peça para o primeiro asiático que viu passando.

Seguindo igual linha supersticiosa, hábito herdado do seu pai, Sarney de Araújo Costa, o Presidente da República não passa embaixo de escada e não admite que levem animais empalhados, conchas do mar ou jangadas em miniatura para sua casa. Os animais empalhados atraem os espíritos que estão soltos por aí; as conchas são desaconselháveis porque já contiveram seres vivos; e as jangadinhas têm maus fluidos porque são feitas por presidiários e trazem suas angústias.

Apesar de gostar de ternos escuros, o Presidente não usa roupa marrom, porque acha que essa cor não lhe traz muita sorte. Essa superstição foi explorada em 1965 pelo seu adversário Epitácio Cafeteira, Prefeito de São Luís, quando Sarney governava o Estado. Cafeteira se vestia de marrom para cruzar na rua com Sarney e deixá-lo irritado. Para evitar mau-olhado, Sarney usa um **agnus dei** (pequena medalha de latão) presenteada por sua mãe. A filha Roseana já tentou substituir essa relíquia por uma medalha de ouro, mas ele não aceitou.

Afinal, sua mãe, Dona Kiola, de quem herdou o hábito de rezar antes de dormir, é a sua idolatria. Sarney liga quase diariamente para São Luís, a fim de conversar com ela, e esse diálogo começa invariavelmente assim: "A bênção mãe". E não lhe faltam motivos para ouvir essa senhora antes de tomar uma decisão importante. Há 13 anos, foi ela quem o desaconselhou a partir no avião que caiu no aeroporto de Orly, matando, entre outros brasileiros, Filinto Müller.

Preocupado com os bons fluidos, Sarney não teve receio de se atritar com a Igreja em 1978, quando casou sua filha Roseana com Jorge Murad. Comandados pelo curandeiro Zé Apolônio, os centros de umbanda de São Luís decidiram lavar a Igreja da Sé, a fim de purificá-la para a cerimônia. Sarney não se opôs à iniciativa e o clero achou isso imperdoável.

TERESA CARDOSO



## Ribamar, de suplente a Presidente

Por um lapso na preparação dos originais do **Dicionário histórico-biográfico brasileiro 1930-1980**, recém-lançado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, ninguém identificará o suplente de deputado federal pelo Maranhão, em 1954, José Ribamar Ferreira de Araújo Costa como o homem que atualmente toma assento no Palácio do Planalto em Brasília — o Presidente José Sarney.

O suplente José Ribamar, eleito pela legenda do antigo Partido Social Democrático (PSD) merece um impreciso verbete de 13 linhas no primeiro volume da obra coordenada pelos pesquisadores Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu. Mas nenhuma remissão esclarece que José Ribamar Ferreira de Araújo Costa outro não é senão o Presidente José Sarney Costa, que em 1965 adotou legalmente este nome, do qual já se utilizava para fins eleitorais desde 1958.

O pesquisador Israel Beloch reconhece a

falha no primeiro volume do **Dicionário**, dizendo que "foi uma coisa que escapou e que não teve mais jeito por falta da remissiva", mas adianta que no quarto e último volume, cujos originais acabam de ser enviados à gráfica, o consulente terá a informação correta.

Neste quarto volume, a cabeça do verbete é **SARNEY**, José, seguindo-se por extenso seu verdadeiro nome de batismo: José Ribamar Ferreira de Araújo Costa. O verbete informa que o político que hoje ocupa a Presidência se elegeu suplente de deputado federal — seu ingresso na vida pública — com 3.271 votos. E informa também que a mudança de nome se deu porque José Ribamar era mais conhecido no Maranhão como "**Zé do Sarney**, isto é, José filho de Sarney".

Beloch acrescenta que na redação do primeiro volume será incluída uma remissiva para sanar o lapso, uma retificação do qual, no próprio corpo do primeiro volume à venda, "não ia ajudar muito", segundo ele.